

## ANÚNCIO DA GREVE GERAL DE 24 DE NOVEMBRO

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA  
19 OUTUBRO 2011

Declarações do Secretário-geral em nome da CGTP-IN

O Conselho Nacional da CGTP decidiu convocar uma **Greve Geral** para o dia **24 de Novembro próximo, uma Greve Geral contra o aumento da exploração e o empobrecimento, e acima de tudo, por Portugal.**

Como sabem partimos de um trabalho prévio em que se procurou consensualizar posições entre a CGTP e a UGT.

É uma Greve Geral que **reclama um Portugal soberano e desenvolvido**, e que afirma a necessidade imperiosa de os **trabalhadores se baterem em defesa do emprego, dos seus salários, dos direitos laborais, dos serviços públicos e, decididamente, pelas liberdades e por valores fundamentais da democracia.**

Nós não aceitamos, e consideramos **ignóbil**, uma campanha em curso – promovida pelo Governo e apoiantes das suas políticas – que visa convencer os portugueses de que estas políticas são inevitáveis, e que a **credibilidade e prestígio do país será conseguida pelo empobrecimento da sua população e pela ruína de Portugal.**

**Isso é absolutamente um absurdo!** Ninguém terá mais consideração pelo nosso país, se empobrecermos e, se o país ficar arruinado

**São inadmissíveis as políticas e as posições políticas que defendem a recessão económica como necessária** para nos colocar no nível de vida que devemos ter, para depois **“renascermos das cinzas”**.

Isto significa que está em marcha uma **política de terra queimada!** O Governo tem em marcha políticas tumultuosas, porque de aprofundamento profundo do nosso nível de desenvolvimento e de retrocesso para, como dizem, **“renascermos das cinzas”**.

Portugal ao executar o **programa da Troika** está a ser governado num quadro que se assemelha a vivermos numa **espécie de estado de ocupação do país**. Nós corremos graves riscos quando temos um Governo que não interpreta os interesses dos portugueses e das portuguesas, mais sim, os conteúdos do memorando da troika.

O Governo tem que ser o Governo do país, dos interesses e direitos dos portugueses e portuguesas, e não um Governo de defesa dos interesses dos credores e agiotas, que nos exploram com os compromissos que nos impuseram!

Permitam-nos uma outra observação sensível: está em curso uma interpretação de fazer confundir o **interesse nacional** com os interesses expressos no memorando da troika. Os direitos dos portugueses e os parâmetros em que se organiza e relaciona a vida na sociedade portuguesa – desde logo a dimensão e amplitude dos nossos direitos como trabalhadores, e como cidadãos – situam-se no **enquadramento jurídico do que é o Estado de direito português e nos parâmetros da Constituição da República**. Não há interesse nacional que não tenha que ser submetido a estes parâmetros.

Uma outra questão a colocar-vos é a que se coloca, muitas vezes, sobre os **custos da greve**: diz-se que Portugal está numa situação económica difícil, o que é verdade e, por outro lado, que os trabalhadores estão a viver com enormes dificuldades e, esse é um facto inquestionável.

Entretanto **há uma verdade evidente: nunca os trabalhadores e a sua luta, foram obstáculo à economia, antes pelo contrário!**

Não foi a luta dos trabalhadores que levou à **destruição do aparelho produtivo português**. Nós lutámos contra a destruição do aparelho produtivo e muitas vezes chamaram-nos retrógrados e outros nomes feios por assumirmos essas posições.

Não foi a luta do povo português e dos trabalhadores que levou aos **descalabros das parcerias público-privadas** que consumiram dezenas de milhares de milhões de euros, a favor de alguns oportunistas que assim enriqueceram.

Não foi, nem é a luta dos trabalhadores, que conduziu a que se tenham feito **roubos** (é disso que se trata) como o descalabro do BPN e outros resultantes de **corrupção e compadrios**, depois transferidos para o Orçamento de Estado, para o povo português pagar.

Não foi a luta dos trabalhadores portugueses que gerou e gera **economia clandestina**, informalidade, **evasão** e **fraude fiscal**, etc. Antes pelo contrário, como disse, estaremos sempre do outro lado.

Hoje precisamos de **toda a luta por razões muito concretas**, precisamos do sacrifício dos trabalhadores e do povo por razões muito concretas. E as razões concretas são, desde logo, **evitar que o país** (à beira do precipício) **em vez de cair num precipício de 50 metros caia num precipício menos profundo**.

É preciso **afirmar os direitos dos trabalhadores e do povo** para que o país não caia nesse buraco profundo.

É preciso mobilizar a opinião pública, os portugueses, para que Portugal tenha uma voz forte junto da UE, exigindo a **renegociação da dívida**, com revisão dos prazos, de datas, da dimensão e da forma de resolver os problemas da dívida. Os trabalhadores vão fazer um sacrifício para defender tudo isto e para **defender a democracia**.

O momento é de extraordinária oportunidade. Todos sabemos, Portugal está a seguir, aceleradamente, **as pegadas da Grécia no pior sentido** e nós temos que travar esse desastre.

Não podemos assistir, sem agir, ao **empobrecimento** do país, à **recessão** e ao aumento do **desemprego**, às **injustiças**, ao **empobrecimento** acelerado.

Sempre que está em causa a justiça (desde logo a justiça social) e a democracia, nenhum sacrifício é demasiado.

## AS RAZÕES IMEDIATAS DA GREVE:

As políticas assumidas pelo Governo em torno do **Orçamento de Estado** são de uma violência, duma dureza e de uma injustiça que não se aceita.

Os **trabalhadores da Administração Pública**, face às decisões tomadas para estes dois anos, **perdem, em média, cerca de 30% da sua retribuição**. Até há sectores (alguns de níveis mais elevados) que perdem mais do que 30%. Observemos que a quebra dos salários dos trabalhadores gregos de 2009 para cá, é de 35%. Nós estamos a aproximarmo-nos a grande velocidade, em curto espaço de tempo.

Em relação ao **horário de trabalho é ignóbil a proposta** que está apresentada pelo Governo. O aumento dos horários de trabalho (no contexto que vivemos) resulta inevitavelmente em mais desemprego, quer nas empresas que estão sub-ocupadas, quer naquelas que estão em intenso trabalho, e significa uma perda salarial na ordem dos 7%. Além disso tem implicações graves em várias áreas, designadamente no direito de negociação colectiva. Do nosso ponto de vista, é claramente inconstitucional e tem entre outras implicações, por exemplo, a redução das contribuições para a segurança social, porque vai haver mais desemprego e os descontos para a segurança social dos trabalhadores que ficarão a trabalhar, continuarão a ser os mesmos apesar do horário de trabalho ser maior.

Havia sectores patronais que até já tinham colocado desafios para negociação com os sindicatos de, em certas situações, poder haver aumento de horários de trabalho, em função do tipo de trabalho que esses sectores tem, avançando com propostas de compensação salarial. Aliás, ainda na semana passada tivemos uma troca de impressões nesse sentido, avançando os empresários a proposta – que seria sempre para um tempo bem determinado – de o alargamento do horário de trabalho nunca poder ser feito sem compensação para os trabalhadores. E a disponibilidade para um alargamento idêntico ao que é pretendido pelo Governo sugeriam uma compensação de aumento dos salários na ordem dos 10%, o que, por exemplo, provocava imediato aumento do Salário Mínimo Nacional.

**Trata-se pois de uma operação de transferência directa, de uma parte dos rendimentos do trabalho para o capital, sem qualquer efeito no pagamento da dívida, ou na redução do défice do Estado.**

Quanto à política de **impostos**, o Governo apenas prossegue um aumento sucessivo dos impostos sobre o trabalho. **A riqueza lá continua apenas com umas promessazinhas** (para encenação), de aqui ou ali dar mais uns tostões para parecer que também está a contribuir.

Toda a gente diz que o cancro dos cancros (perdoem-me a expressão, mas é uma formulação que às vezes se usa), do défice do Estado é o resultado desastroso das **parcerias público/privadas**. O Governo comprometeu-se a tratar esta matéria como prioritária, mas **continua tudo na mesma**. Preparam-se agora é para que as negociações continuem **acrescentando-lhe o negocio das privatizações**.

O ataque a uma série de direitos dos trabalhadores, como os **feriados**, os dias de **férias**, e **muitas outras matérias** que mexem com valores de todo um povo tem de ser combatido. É a nossa cultura referências e **compromissos civilizacionais** que são postos em causa.

Termino, Senhores e Senhoras jornalistas, observando que aquilo que está em curso no **sector dos transportes** é muito, muito grave. Nós apelamos aos portugueses para que tenham compreensão com a luta dos trabalhadores dos transportes, porque o que está em marcha vai significar uma enorme **redução de oferta** dos transportes à população, um **desemprego** muito grande e **negociatas** com privados para deitarem mão ao que é rentável no sector.

A outra observação é sobre o que o Governo designa de **reformas da Administração Pública**. Já tivemos oportunidade de dizer: o que está projectado, quer para a Administração Pública Central, quer para a Administração Local, provocará imenso **desemprego directo** (público) e a **destruição de milhares de empresas privadas**, repito, destruição de milhares de empresas privadas, em particular pequenas e médias, que têm trabalhado ao longo dos anos para que se efectivem as funções das autarquias e para efectivar direitos fundamentais aos portugueses.

É doloroso mas é um facto: estamos perante um **retrocesso social e civilizacional muito perigoso**, em que não são apenas as condições de trabalho, as condições de vida, as condições de estruturação da sociedade, mas também a democracia que são postas em causa.

São estas as razões que nos levam a realizar no dia **24 de Novembro uma grande Greve Geral contra o aumento da exploração, contra o empobrecimento, e acima de tudo, por Portugal.**

Esta greve é por **um Portugal de dignidade, um Portugal desenvolvido, um Portugal soberano!** E estes objectivos devem ser tarefa de todos os portugueses, não apenas dos trabalhadores!

Os **trabalhadores** vão dar um significativo contributo. **Com sacrifício, mas com determinação, vão fazer uma grande Greve Geral.**